



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ADRIAN GEOVANA NUNES GOMES

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-431

Entrevistada: Adrian Geovana Nunes Gomes

Nascimento: 05/04/1990

Local da entrevista: Clube Grêmio Náutico União.

Entrevistadoras: Bruna Tomaschwski Perla e Suélen de Souza Andres.

Data da entrevista: 1º/04/2014

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: Suélen de Souza Andres

Pesquisa: Suélen de Souza Andres

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 21 minutos e 29 segundos

Páginas Digitadas: 10 páginas.

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início da carreira esportiva da entrevistada; Reação da família quando foi convidada para praticar; Trajetória dentro dos clubes esportivos e instituições; Período de treinamento em Guarulhos; Momentos importantes da carreira; Dificuldades da carreira por estar fora do eixo Rio – São Paulo; Rotina de treinos; Convocação para os Jogos Olímpicos; Experiências da participação nos Jogos; Período de adaptação; Lesão; Doping e medicamentos para dores; Vivência dentro da Vila Olímpica; Expectativa para os Jogos Olímpicos de 2016; Profissão depois da aposentadoria como atleta; Estrutura do país sede dos Jogos; Considerações finais.

Porto Alegre, 1º de abril de 2014. Entrevista com Adrian Gomes a cargo das pesquisadoras Bruna Tomaschewski Perla e Suélen de Souza Andres, para o Projeto Gaúchos/as nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

B.P. – Adrian, conte um pouco sobre a sua trajetória no esporte e na ginástica.

A.G. – Bom, iniciei no CETE¹ com seis anos, comecei na Educação Física porque tinha ginástica. Fazia duas vezes na semana e a professora me viu, perguntou se eu queria participar dos treinos. Então disse que não sabia por que tinha que perguntar para os meus pais. Conversei com meus pais e eles foram conversar com a professora. Gostaram, até porque eu não iria ficar em casa. Fiquei um ano no CETE e acabei participando de uma Copa Escolar no Grêmio Náutico União. Depois da competição me convidaram para fazer um teste, fiz e fiquei até 2005. Em 2005 saí e parei de treinar. Treinei de 2006 a 2008 na UFRGS², parei de treinar novamente e voltei a treinar no Grêmio no final de 2009 e estou até hoje.

B.P. – Teve alguém que influenciou sua carreira, algum parente, amigo, professor?

A.G. – Não, só a minha perguntou se era realmente isso que eu queria, respondi que sim e ela me pós lá.

S.A. – Que idade mais ou menos tu tinhas?

A.G. – Seis quase sete.

S.A. – E que escola tu estudavas?

A.G. – Mané Garrincha³, que era no mesmo lugar do CETE.

S.A. – Por isso que tinha ginástica na Educação Física?

¹ Centro Estadual de Treinamento Esportivo – Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

³ Escola Estadual de Ensino Fundamental Mané Garrincha.

A.G. – É.

B.P. – E como era a situação da ginástica no Rio Grande do Sul na época que tu começaste?

A.G. – Não lembro muita coisa. Eu fazia ginástica no CETE, mas eu não competia ainda, então não tinha conhecimento de como eram as coisas, não tinha muito tempo para ver TV, nunca tive na verdade. Por isso não sei te dizer como era a ginástica, não faço nem ideia.

S.A. – E qual foi a reação de sua família quando tu falaste que tinha sido convidada para fazer ginástica?

A.G. – O meu pai gostou, até por que ele foi jogador, mas teve que parar quando eu nasci, foi um sonho frustrado. Foram outras épocas, mais difícil. Mas ele sempre quis ter uma filha atleta, tanto que minha irmã fez GR⁴ e não tentou fazer GA⁵. Os biótipos são muito diferentes, acabou que fez GR até os dezessete, dezoito anos, canso e parou. Também tem meu irmãozinho de quatro anos, meu pai quer que ele faça alguma coisa, mas ele é novinho ainda. Então, na verdade meu pai adorou, disse: “Não, vamos botar, porque eu não quero que tu fiques aqui”. Porque a gente morava em vila, tem toda aquela história de tiroteio, más influências. Então meu pai ficou maravilhado. Minha mãe no início ficou meio assustada porque eu não ia parar em casa, não tinha quem me levasse, quem me buscasse. Mas logo se acostumou, gostou, era menos um para ela cuidar também.

B.P. – E dentro da sua trajetória, além do CETE que tu citaste, e o Grêmio Náutico União e a UFRGS, tem algum outro clube ou instituição por qual você tenha treinado?

A.G. – Em 2005, quando sai da seleção vim para cá⁶, depois fui treinar em Guarulhos e logo voltei. Mas foi isso, União, Guarulhos, que fiquei dois meses, UFRGS e União. Só isso

S.A. – Qual foi o motivo de tu ires treinar esses dois meses em Guarulhos?

⁴ Ginástica Rítmica.

⁵ Ginástica Artística.

A.G. – Na verdade o que aconteceu foi que, quando sai da Seleção e voltei, eu não queria mais treinar. Fiquei parada um dois meses, quando decidi: “Não, quero treinar”. Pensei que minha técnica não iria me aceitar de volta, então acabei indo para Guarulhos, onde me aceitaram.

S.A. – E tem algum clube específico lá?

A.G. – Ah, eu não lembro, não lembro o nome do clube.

S.A. – Cidade?

A.G. – Não, sei que era em Guarulhos, por que em campeonatos chamávamos de Guarulhos. Não sei se era clube, nome de clube, não faço ideia.

B.P. – E quais momentos ou eventos da sua vida esportiva você destacaria como os mais importantes?

A.G. – Deixa-me ver... Quando rompi o tendão de Aquiles pela segunda vez, foi um momento bem difícil, complicado. Na Olimpíada, ter ido até lá e não competir. O pós Olímpico, voltar sem ter competido, recuperação. Depois que tive a lesão na coluna, foi chato, mas a recuperação foi muito rápida, nem esperava que fosse tão rápida. Logo em seguida, na minha primeira competição pós-lesão fui Campeã Sul-Americana, então, foi bem importante.

B.P. – Existe alguma dificuldade na sua carreira, estando fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo?

A.G. – Complica por que não somos “potência”. Então o que acontece é que estando fora do foco, fica centrado geralmente em Curitiba e Rio de Janeiro. E eles fazem muitos treinos, então, a gente tem que se deslocar até lá e seguir as regras deles. Nos tira da rotina. Por exemplo: eles fazem três turnos, aqui a gente treina dois; eles treinam

⁶ Se referindo ao Grêmio Náutico União, local da entrevista.

domingo, aqui a gente não treina domingo; lá eles treinam sábado dois turnos, a gente não. Temos que nos adaptar ao estilo deles, nós e até o pessoal de São Paulo. Fica complicado e eles não vêm para cá.

B.P. – E é só a questão dos treinos ou tem outras coisas?

A.G. – É fora isso, nada mais.

B.P. – E sobre o início da sua carreira, antes dos Jogos Olímpicos, tem mais alguma coisa que gostaria de destacar, algum momento?

A.G. – Só quero dizer que eu dei a vida até lá. A gente treinou muito, muito mesmo, mas fora isso nada mais.

B.P. – E como era a tua rotina de treinos com foco nos Jogos?

A.G. – A mesma coisa que agora. Treinava de manhã e tarde e à noite, a faculdade. Só que como estava muito perto dos Jogos, me classifiquei e tinham uns seis meses para fazer a adaptação. Eu não comia quase nada, só tomava suplemento, tinha que emagrecer e criar músculo, muito rápido. Foi bem complicado, mas me adaptei super bem.

B.P. – O teu psicológico agiu super bem, tu conseguiste assimilar que era para esse momento?

A.G. – Sim.

B.P. – Como se deu a convocação para os Jogos Olímpicos representando a Seleção Brasileira?

A.G. – Então, toda vez que tinha competição brasileira ou Copa do Mundo, tinha uma comissão que pegava e guardava os resultados. Esses resultados serviam para comparar quando tinha uma fila grande de meninas. Sei que eu já estava convocada antes de sair os

treinos no Rio de Janeiro, isso se não me engano aconteceu dois três meses antes dos Jogos. Certa para os Jogos era eu e outra menina, o resto era dúvida.

S.A. – E como foi à sensação da possibilidade de ir para os Jogos Olímpicos?

A.G. – Na hora eu fiquei super feliz, mas não caiu à ficha, acho que foi cair a ficha realmente quando eu estava lá.

B.P. – E que experiências você considera mais importante sobre os Jogos Olímpicos para compartilhar com a gente?

A.G. – A experiência que fica para mim é o fato de ter ido e ter sentido aquela sensação. Mas também fica o fato de eu não ter competido, fica essa coisa do psicológico, que nem tu disseste, perguntou se eu estava bem. Por mais que tu tenha experiência em competições, tu nunca vai sentir a mesma sensação em todas. Então ter ido e não ter competido, essa experiência nem todo mundo passa, são poucas as pessoas que acabam indo até lá e não competem, tem que ter psicológico muito forte.

B.P. – Sim.

A.G. – E não é qualquer um que tem.

S.A. – Quanto tempo quantos tu ficaste lá?

A.G. – A gente fez um, como se diz, a gente foi um mês antes para lá.

B.P. – Adaptação.

A.G. – Isso, um mês antes nós fomos para lá, a gente ficou em [PALAVRA INAUÍVEL], acho que é duas horas de Londres, ficamos um mês, depois voltamos para Londres. Fiquei umas duas semanas na Vila Olímpica.

S.A. – Daí tu tevês a lesão.

A.G. – Isso, três dias antes da competição, tive que sair e ficar em um hotel.

S.A. – Pode acompanhar toda a competição?

A.G. – Sim, vi tudo, não queria, mas eu vi. Na verdade, eu queria e não queria ao mesmo tempo.

S.A. – Como foi a sensação quando disseram: “Não tem como!”. Como tu lidaste com isso?

A.G. – Me desesperei muito. Perguntei se fosse qualquer outra menina da Seleção, eles também não deixariam. Questionei o porquê de não poder competir sendo que eu tinha aguentado até lá. Minhas dores nas costas já vinham desde o início do ano. Perguntei várias vezes e só diziam que não dava. Comprometi-me a assinar um termo de responsabilidade e só falavam: “Não, pode ser pior quando tu tiveres lá saltando”. Porque na verdade eu estava travada, não conseguia puxar a perna, perdi a sensibilidade da perna esquerda. Falaram que nem assinando, nem fazendo nada, me desesperei mais ainda, chorei um mês.

S.A. – Tu colocaste que estava com dor desde o início do ano. E com o processo de ir para os Jogos Olímpicos e os cuidados com o *doping*. Como funciona o controle da medicação para aliviar a dor e não ser pega no *doping*?

A.G. – Na verdade eles sempre nos dão um livrinho dizendo os medicamentos que a gente pode ou não tomar. Daqueles que podemos tomar, tem uns bem forte, que normalmente tomamos. Na maioria das vezes passa, e quando não adianta tomamos dois três comprimidos, ou ainda dois de um tipo e mais um de outro. Mas sabendo que não seremos pegas no *doping*, pelo menos é o que o médico nos diz.

S.A. – Mas os médicos sabem a quantidade que vocês tomam de remédio?

A.G. – Sim, acredito que sim.

S.A. – Mas não falam? Chegam a comentar, ah, hoje eu tomei uns cinco.

A.G. – Não, não. A gente pergunta antes de começar a tomar: “Ah, se um dia eu tiver muito ruim e quiser tomar três, pode?” Ai ele vai responder: esse aqui pode, esse não, esse pode, mas vai te tirar um pouco da atenção e ritmo. O médico explica e a gente procura perguntar antes de tomar. Mas a gente sabe que com dor ou não teremos que treinar.

B.P. – Como foi à experiência na Vila Olímpica, ter vivenciado os Jogos, tem alguma coisa a destacar disso?

A.G. – É muito legal, tu vê muita gente, de vários países, onde tu olhas tem pessoas falando uma língua diferente. A estrutura também é bem legal, tinha salão de beleza, salas de jogos com tudo que é tipo de vídeo game, sinuca, danceteria, mas nessa parte a gente não chegou, nem deu tempo. Outra coisa legal foi que tinha geladeiras com Gatorade espalhadas pela Vila, a gente tinha uma chave, era só chegar e pegar. Era muito legal, bem legal mesmo.

B.P. – Quais as experiências que mais te marcaram nos Jogos Olímpicos? Não sei se foi a não participação.

A.G. – Foi, com certeza, foi destacadíssimo.

S.A. – Mas e o bom de estar lá, mesmo tirando fora o fato de não poder competir. O que tu destacarias de bom de poder participar daquele momento.

B.P. – A experiência que ficou daquele momento, para tu segures na carreira.

A.G. – Bom, na verdade eu pensei muito em desistir quando sai da Vila. Quando passei da Vila pensei muito em parar de treinar. Achei que não teria forças para continuar, mais depois vi que dava, mas só depois que já estava aqui. De lá, conhecer pessoas, o lugar, passar por situações que não é todo mundo que passa, então é isso que fica de bom, legal. E o hotel lá era muito bom.

S.A. – Tava curtindo.

A.G. – E as pessoas lá são muito acolhedoras.

B.P. – Hoje tu estás te preparando para 2016, tem o pensamento de ir para os Jogos Olímpicos, qual é o teu intuito de estar na ginástica treinando hoje?

A.G. – Eu quero muito ir para 2016, só que não sei se o meu corpo vai permitir. Minhas costas ainda doem, tenho mais problemas do que em 2012. Então não sei se vou chegar até lá, em função do meu corpo, não do meu psicológico ou não do meu querer. Mas estou treinando para isso.

S.A. – E existe essa possibilidade?

A.G. – Sim, tem.

B.P. – E hoje em dia tu atuas só treinando na ginástica ou tu tens alguma outra função, treina, é treinadora.

A.G. – Não, eu só treino e estudo.

S.A. – Tu fazes o que?

A.G. – Educação Física no IPA⁷.

S.A. – Mas tu pretendes seguir depois nessa linha?

A.G. – Quero e não quero. Quero porque gosto de dar treino, corrigir as gurias. Às vezes estou no ginásio e vejo elas fazendo errado, vou lá e corrijo, seja as pequeninhas ou as grandes que treinam comigo. Mas vejo pela Adri⁸, que é a minha técnica, e o Kiko⁹, eles

⁷ Centro Universitário Metodista de Porto Alegre.

⁸ Adriana Rita Alves.

passam acho que umas doze horas dentro do ginásio e não tem tempo. Claro que eles viajam, conhecem. Só que já fiz isso como atleta, eles não tiveram essa oportunidade de viajar como atleta. Então não sei, ainda estou pensando se realmente quero ficar dentro do ginásio.

B.P. – E se não for o ginásio?

A.G. – Ah, gosto muito de academia. Queria muito montar um salão para mim, de beleza, gosto muito dessas coisas, foge um pouco do padrão, mas...

B.P. – Bom, pensando nos objetivos da nossa pesquisa que é analisar a participação gaúcha nos Jogos Olímpicos, tu gostarias de falar mais alguma coisa sobre esse tema, não só sobre a tua participação, mas sobre o tema geral que é estar nos Jogos, em alguma das edições.

A.G. – Eu acho muito interessante os Jogos em si. Porque como te falei, primeiro que o país tem que ter uma estrutura absurda. Londres foi minha primeira Olimpíada, os que já tinham participado de outras, diziam que era uma das Vilas com menos estrutura comparada à outras. Fiquei pensando: “Mas o negócio é fantástico, imagina as outras!” Disseram que a de Pequim foi fantástica até porque é outra cultura, mas para mim estava tudo muito bom, ótimo. Eu não estava sozinha, tinha a Graciele¹⁰, que é da natação daqui. Quando sai da Vila e fui para o hotel, ela também estava lá, foi bem tranquilo, já a conhecia, conhecia o outro pessoal que também estava lá. Então para mim essa parte foi tranquila.

B.P. – Bom, tem algo que nós não perguntamos que você gostaria de falar, da pesquisa, da participação?

A.G. – Deixa-me pensar. Acho que não, acho que vocês perguntaram tudo.

S.A. – Uma última questão: Ficamos um tempo olhando as pequenas treinando e pensando que essas garotas vão se espelhar em você, na Daiane dos Santos, e tem a Adriana ali tão

⁹ Antonio Carlos Pereira.

¹⁰ Graciele Herrmann.

próxima. O que tu dirias para essas meninas que tem esse sonho de seguir essa carreira e chegar aos Jogos Olímpicos?

A.G. – Se elas realmente querem, e é querer muito. Porque a ginástica não é futebol que corre atrás de uma bola. A gente passa doze horas dentro do ginásio. Então elas têm que querer muito, correr atrás, acordar cedo, dormir tarde, estudar ou colar nas provas para poder estar no outro dia ali sem estudar, se querem, vão conseguir.

B.P. – OK, em nome do Centro de Memória do Esporte a gente agradece muito a disponibilidade de nos conceder esta entrevista.

A.G. – Obrigada, eu é que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]